

Não tenho tempo de analisar e conseqüentemente responder mais profundamente à pergunta do grande catequeta A. Cechin, questionando ser a "Catequese Libertadora a prima pobre da Teologia da Libertação". É muito válido o seu testemunho de um dos precursores e agentes dessa linha de pensamento latino-americano, chamada genericamente de " Teologia da Libertação". Ele, inclusive, sofreu perseguições do Regime Militar, imperante naqueles momentos, por causa de seus textos.

Entretanto, me admira que, pelo menos com relação ao Brasil, ele não tenha feito referência ao **movimento catequético Pós-Medellin que viveu de seu impulso profético**. Não citou em seu artigo, pelo menos três documentos catequéticos da CNBB que carregam a marca dessa Teologia, se bem que em suas grandes intuições. Me refiro ao *best seller* (com 40 edições), documento oficial da CNBB, intitulado "Catequese Renovada Orientações e Conteúdo" (1983). E posteriormente, outros dois estudos (só para ficar nos mais antigos): "Textos e Manuais de Catequese" e "Formação de Catequistas". E como ignorar tantos textos produzidos (e não somente os dele, de A. Cechin) em todo o Brasil, particularmente nas décadas de 70 a 90 marcados pela caminhada libertadora? Tal produção catequética não era somente das grandes editoras, mas sobretudo, eram pequenas produções feitas nas bases, nas comunidades ou quando muito de caráter diocesano. E quantos estudos foram feitos, só no Brasil? Quantas teses de mestrado e sobretudo de doutorado sobre a dimensão libertadora da catequese? É muito estranho que Cechin tenha ignorado tudo isso e ficado apenas naqueles momentos iniciais, em que, com todo mérito, foi protagonista. Não se pode absolutamente ignorar a efervescência do pensamento catequético aqui no Brasil, após Medellín.

É verdade que o Movimento Catequético Brasileiro não ficou parado no tempo, mas acompanhou a evolução dos

fatos e da Igreja. Assim, as teses da Teologia da Libertação, a partir principalmente da metade dos anos 90, já não se revestiam do ardor e do ímpeto libertário de anos passados, pois novas perspectivas surgiram, novas exigências se impuseram diante de um mundo em contínua transformação (esse foi também o nome de um dos documentos da CNBB no final do milênio).

Entretanto após 25 anos o documento "Catequese Renovada", todo ele vasado e perspassado da Teologia da Libertação, precisava de uma atualização e avanço diante dos novos problemas que apareciam. Foi então elaborado o *Diretório Nacional de Catequese*. Ora, o que fez tal *Diretório*? Em seu primeiro capítulo, fez justamente uma grande síntese de "Catequese Renovada", para dizer que o novo *Diretório* não estava rompendo com o passado, nem abandonando as grandes conquistas dos anos 60 a 90, mas que, apoiado nessas conquistas, queria dar um passo avante. Como ignorar que *Aparecida* tenha recuperado teses que estavam sendo esquecidas? Isso foi mostrado muito bem no Congresso Teológico-Catequético realizado em São Paulo (Brasil) em 2008, em parceria com SCALA, com o título: "Medellín-Aparecida: um diálogo provocador"?

Além do mais, sempre a partir da experiência brasileira, por mais que o episcopado brasileiro tenha mudado e caminhado em outras direções, e não somente nas trilhas da Teologia da Libertação em que preferencialmente navegava nos anos 60-80, a marca desse pensamento e sobretudo de sua prática, ficaram impressos em quase todos seus pronunciamentos e decisões, muitas vezes com outro linguajar, integrando outras perspectivas, atendendo a outros apelos. O método ver-iluminar-agir, marca registrada da Teologia e da Catequese Libertadoras, de uma maneira ou outra, permanecem até hoje presentes, com suas adaptações.

Concluindo, não acho justo ou pelo menos não conforme a

verdade dos fatos, colocar em dúvida, pelo menos no que toca ao Brasil, a dimensão libertadora da catequese. Seria um anacronismo estarmos insistindo hoje, no século XXI já avançado, unicamente nas teses do documento "Catequese Renovada" (que incorporou bastante o pensamento e a prática libertadora) diante de um mundo e uma Igreja que estão com outros desafios, além daqueles que provêm da dimensão sócio-político-libertadora.

Repito que, pelo fato de estar ausente mais de 40 dias de meus trabalhos rotineiros, não tenho tempo de aprofundar o tema. Deixo, **abaixo, o final de meu artigo**, de 2008, fazendo um balanço da trajetória da catequese entre *Medellin* e *Aparecida*. E, para quem quiser, vai **em anexo, o artigo inteiro**.

Abraços a todos. São Paulo, 04 de Novembro de 2012 Pe.
Luiz Alves de Lima, sdb

**ANEXO - Última parte do artigo: "Medellín-
Aparecida: um diálogo provocador. Percurso da
Catequese"**

**Alves de Lima, Luiz in *Revista de Catequese*, 31 (2008)
nº 123, julho-setembro, pp. 23-24**

**10. Medellín e Aparecida: dois discursos diferentes
sobre a catequese?**

Num primeiro momento pode parecer que a catequese surgida de *Medellín* na década de 60 seja bem diferente da proposta por *Aparecida* nesse início do século XXI. De fato é diferente, mas ao mesmo tempo não. Há diferenças sim pois os momentos históricos e culturais são completamente diferentes. Os desafios enfrentados por uma e outra conferência são de natureza bastante diversa.

O modelo de catequese surgido em *Medellín* se encontra de uma maneira completa e exemplar no documento

Catequese Renovada (1983). Ao passo que em *Aparecida* (2007) encontra-se um modelo de catequese que corresponde mais aos tempos atuais, marcada profundamente pela mística evangelizadora, pelo impulso missionário. No Brasil vivemos um clima político-social diferente do final dos anos 60 quando surgiu *Medellín*; temos hoje um estado de direito democrático consolidado e na América Latina, em geral, há um avanço no mesmo sentido. O clima religioso, por outro lado, vai-se modificando, a descristianização é visível, a sensação de pós-cristianismo, que já atinge a Europa, vai-se fazendo presente também entre nós. Jesus Cristo já não é conhecido por grande parte da população: o desafio da evangelização explícita se impõe.

Por outro lado, a pobreza e a miséria não foram erradicadas, e está longe de sê-lo completamente: e onde há pobreza, é necessária a teologia da libertação, como dizia Dom Aloisyo Lorscheider, ou ao menos seu espírito: o espírito do *serviço* (diaconia), do voltar-se para o irmão que sofre e pede promoção humana. *Aparecida* resgata esse espírito, faz reviver alguns grandes postulados de *Medellín* que estavam sob as cinzas e ameaçados de serem esquecidos.

Porém, tal resgate de *Medellín* não se encontra nos textos que falam da iniciação cristã e da catequese, ao menos explicitamente. O máximo que chega a aludir é a uma “formação integral... o compromisso apostólico mediante permanente serviço aos outros” (nº 299) e a exortação ao uso, na catequese, da *Doutrina Social da Igreja* (cf *ibid.*). *Aparecida* insiste mais na proclamação do querigma, na dimensão experiencial da fé (encontro pessoal com Jesus Cristo), na leitura orante, na mistagogia (catequese unida intimamente à liturgia), na unidade dos três sacramentos da iniciação, enfim, no processo catecumenal (cf nºs 287-294). Assim, temos que integrar, na proposta de *catequese iniciática* de *Aparecida*, também os ricos aspectos que em

outras partes do documento são relevados.

Nesse sentido, o *Diretório Nacional de Catequese* é mais fiel à manutenção do espírito de *Medellín*: além de insistir nos elementos acima apontados por *Aparecida*, em seu primeiro capítulo faz uma síntese do documento *Catequese Renovada* (que como dissemos, encarna perfeitamente o espírito de *Medellín*) explicitando que esse *DNC* não quer ser uma ruptura, mas uma continuidade da caminhada da catequese desde *Medellín* até hoje. O verdadeiro discípulo de Jesus, formado na escola do Evangelho, é aquele que procura viver não só a fé *em* Jesus, mas a fé *de* Jesus, daquele Jesus histórico que nasceu e viveu como pobre, integrou em sua prática e mensagem todos os aspectos religiosos, culturais, políticos... da vida sofrida de seu povo, evangelizou os pobres e por eles morreu, para que tenhamos as riquezas da *salvação integral*, como insistia *Medellín*.

Podemos concluir dizendo que há sim, profundas diferenças entre os dois modelos de catequese surgidos das duas Conferências, mas ao mesmo tempo há progressão e continuidade. E, com nosso *DNC* consagrado por *Aparecida* temos orientações seguras para trabalhar na verdadeira *iniciação cristã* e numa *catequese evangelizadora*.